
EDITORIAL DO DOSSIÊ CURRÍCULOS, CULTURAS E DISCURSOS

Alice Casimiro Lopes
Elizabeth Macedo
www.curriculo-uerj.pro.br

As abordagens discursivas no campo do Currículo ganharam destaque no Brasil nos anos 1990 apoiadas nos enfoques foucaultianos. De forma associada a uma ênfase na centralidade da cultura e a uma valorização da diferença, por meio de pesquisas sobre gênero, raça e sexualidade no currículo das escolas, esses estudos foram veiculados em livros, artigos e trabalhos apresentados no GT Currículo da ANPEd.

Não queremos dizer com isso que a temática da cultura não fosse objeto de reflexão do campo anteriormente. Ao contrário, as vinculações entre currículo e cultura são evidentes nos estudos curriculares há muitos anos, tanto em abordagens consideradas tradicionais quanto nas abordagens de críticas de enfoque fenomenológico ou mesmo nas abordagens de enfoque neomarxista. Nestas últimas, os significativos trabalhos de Raymond Williams e suas análises sobre a tradição seletiva na cultura são exemplos reconhecidos e amplamente citados. Ao nos referirmos a uma centralidade da cultura no campo, salientamos, contudo, a sua abordagem no âmbito da teoria da significação e do discurso, questionando concepções reificadas de seleção cultural ou afastando-se de uma discussão mais focada no conhecimento – temática também central no campo.

Os estudos críticos dos enfoques discursivos, entretanto, permanecem presentes em nossas investigações, sendo dominantes nas teses e dissertações sobre currículo da Educação Básica produzidas no país entre 1996 e 2002, conforme estudo desenvolvido por nosso grupo de pesquisa (Macedo *et al.*, 2006). Em um primeiro momento, podemos considerar que tais estudos criticavam as abordagens discursivas do Currículo por supostamente desvalorizarem o enfoque político. A virada linguística e cultural, iniciada pelos enfoques estruturalistas e aprofundada com o pós-estruturalismo, é então considerada como uma despolitização, por não focalizar os nexos entre currículo e base material, expressa na estrutura de classes sociais e nos processos de exploração do trabalho.

Dez anos após o fim dos anos 1990, as abordagens discursivas se multiplicaram e é cada vez maior sua expressão no campo do Currículo. Hoje, contudo, as análises foucaultianas são menos frequentes e outros enfoques são mais expressivos. A análise crítica do discurso de Fairclough, a teoria do discurso de Laclau e Mouffe, a filosofia da diferença de Deleuze, a desconstrução de Derrida e os enfoques pós-coloniais de autores como Bhabha tornam a suposição de uma fronteira

absoluta entre cultura e política, entre o simbólico e o material, muito mais problemática do que se considerava a princípio. A possibilidade, por exemplo, de se compreender o discurso como toda prática de significação, sem nenhum referente externo, como faz Laclau, torna a política, a economia e o social inseridos como práticas discursivas na cultura. Nessa perspectiva, mostra-se potente a compreensão, já desenvolvida por uma de nós, do currículo como espaço-tempo de fronteira cultural (Macedo, 2006).

Ao organizarmos este número para Teias, fomos guiadas por essa forma de entender tal trajetória do campo do Currículo: uma disciplina constituída sem certezas, sem caminhos previamente traçados, reinventando suas tradições (Lopes, 2008) e no qual sabemos que todas as nossas fixações são provisórias e contingentes. Os textos aqui reunidos buscam ser uma expressão significativa de parte do que se faz buscando investigar vínculos entre currículo, cultura e discurso.

Começamos este dossiê com o artigo “Teoria do discurso e educação: reconstruindo o vínculo entre cultura e política”, de Joanildo Burity que, sem ser um pesquisador em Educação, realizou o esforço de estabelecer um diálogo entre a teoria política e as discussões curriculares. O resultado, altamente produtivo, nos convida a problematizar a educação como objeto de um consenso, entendido como hegemônico nos termos de Laclau, em torno de seu papel constitutivo de uma nova sociabilidade. Como afirma Joanildo, esse papel pode ser assentado tanto no vocabulário republicano da cidadania quanto no vocabulário liberal da competência técnica e autonomia individual. Colocando esse trabalho na seção Em Pauta, propomos o diálogo dessa discussão mais ampla com os artigos decorrentes de pesquisas específicas sobre Currículo.

O artigo “A teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares”, de Jefferson Mainardes e Suzana Stremel, explora de maneira rigorosa o pensamento de um dos teóricos mais potentes do estruturalismo no campo do Currículo. Dadas as conexões entre estruturalismo e pós-estruturalismo (Peters, 2003) – o pós não é a expressão de uma negativa ou de uma sucessão, mas de uma reconfiguração produtiva –, Bernstein introduz, no campo do Currículo, nos anos 1970, temáticas como identidade, discurso, conexões macro-micro, dispositivo pedagógico que são desdobradas e fazem parte da agenda das discussões nos enfoques pós-estruturalistas até os dias atuais. Apresentando as contribuições de Bernstein para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares, Jefferson e Suzana nos convidam a refletir sobre essas conexões.

Por sua vez, Miriam Soares Leite, no artigo “Adolescência e juventude o ensino fundamental: significações no contexto da prática curricular”, apresenta os resultados de uma pesquisa apoiada em Ball e Laclau, que explora as identificações de alunos das séries finais do

ensino fundamental, seus jogos de poder e efeitos de realidade associados às fixações de sentido em dado contexto escolar. De forma muito instigante, a autora propõe outras formas de estarmos refletindo sobre a relação professor e aluno na escola.

Explorando de formas diferentes e igualmente potentes as questões raciais no currículo, temos o artigo de Eugénia Foster, “Apontamentos sobre a questão racial em escolas portuguesas”, e o artigo de Carmen Gabriel e Warley da Costa, “Que negro é esse que se narra no currículo de História?”. Enquanto Carmen e Warley analisam, com base em Laclau e Ricouer, a fixação de significados de “negro” nos currículos de História, por meio da investigação da estrutura narrativa dos textos produzidos por alunos do ensino médio, Eugénia apresenta os resultados de sua investigação de memórias e narrativas de professores em escolas em bairros de africanos e seus descendentes em Portugal. Ambos os textos compõem um produtivo diálogo, sob focos distintos, das questões de raça e cultura.

Explorando as questões relativas às comunidades disciplinares e epistêmicas, o artigo de Tânia Beraldo e Ozerina Oliveira, “Comunidades Epistêmicas e desafios da representação nas políticas curriculares do curso de Pedagogia”, e o artigo “Possibilidades de Construções curriculares pela comunidade escolar: o caso da disciplina Biologia Aplicada”, Luísa Brito e Denise de Freitas, contribuem particularmente para o entendimento de como podem ser estabelecidos nexos entre as discussões sobre cultura e política curricular. No primeiro artigo, os pesquisadores em Educação são interpretados como uma comunidade epistêmica atuante na política de formação de professores, sendo focalizada sua ação na produção das Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia. Centralmente referenciadas em Mouffe e Ball, as autoras exploram essa tentativa de produzir uma dada representação da política curricular. No segundo artigo, com base nos estudos de Alice Lopes, Elizabeth Macedo, Nilda Alves e Inês Oliveira, as autoras investigam o processo de criação de uma disciplina integrada na escola, evidenciando a produtividade de se refletir sobre currículo integrado e currículo disciplinar de forma inter-relacionada.

Fechando a seção de artigos, apresentamos o texto de Sandra Corazza, “Os sentidos do Currículo” que, ancorado na filosofia de Deleuze, parte de uma epistemologia política para propor um tipo de currículo de orientação espacializante, concebido como um geocurrículo. De forma instigante, a autora nos faz refletir sobre os modos de pensar e sonhar para além do habitual e do já conhecido.

A seção entrevista foi organizada de forma inusitada. Em 2007, o Dr. William Pinar propôs a pesquisadores brasileiros do campo do currículo a participação em uma pesquisa sobre a internacionalização dos estudos curriculares, realizada em várias etapas e cujo resultado está em

vias de publicação pela editora Palgrave. A primeira etapa dessa pesquisa envolvia a resposta a questões que, de natureza autobiográfica, solicitavam que os pesquisadores pensassem o campo no Brasil na relação com seus estudos e vidas. Eram seis questões, das quais selecionamos, junto com Pinar, três para compor esta entrevista coletiva em que seis pesquisadores do campo respondem as mesmas perguntas formuladas por ele. Essa seleção priorizou as questões que remetiam a uma identidade nacional do campo, de modo a que fosse criado um interessante panorama em que as multiplicidades e as diferenças ganharam destaque.

Seguindo nesse necessário diálogo entre as produções nacionais e estrangeiras, apresentamos nas seções seguintes três traduções de textos atuais que exploram, de forma interessante e produtiva, questões atuais dos estudos curriculares. Em “Virtudes Epistêmicas e Aprendizagem Cosmopolita”, Fazal Rizvi, pesquisador indiano com pesquisa sobre globalização e educação, parte da análise de sua própria condição diaspórica para problematizar sobre as relações entre cosmopolitismo e formação educacional contemporânea, propondo o que denomina virtudes epistêmicas. Em sintonia com Appadurai, discute igualmente o papel da imaginação nas relações global-local. Hope Nudzor, pesquisador ganês e especialista em políticas educacionais e em educação internacional e comparada, nos apresenta uma teorização profícua sobre política como texto e política como discurso. Partindo de uma revisão de trabalhos sobre políticas educacionais, ele desconstrói o paradoxo que as análises sobre implementação curricular apresentam.

Por fim, o ensaio “A dialética do discurso”, de Norman Fairclough, teórico da análise crítica do discurso, discute os discursos como imaginários capazes de mediar as relações entre práticas discursivas e outras práticas sociais. Com esse texto, Norman contribui para que confrontemos diferentes concepções de discursos.

Esperamos que esses textos sejam capazes, isoladamente e lidos de forma intertextual, de contribuir para que ampliemos, cada vez mais, as possibilidades das abordagens discursivas no Currículo e na Educação. E dessa *forma nos ajudem no constante trabalho de produzir teoria de currículo*.

REFERÊNCIAS

- LOPES, Alice Casimiro. Por que somos tão disciplinares? *ETD. Educação Temática Digital*, v. 1, p. 201-212, 2008. www.fae.unicamp.br/etd/.
- MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 11, n. 32, p. 285-296, ago. 2006.
- MACEDO, E.; LOPES, A.C.; PAIVA, E.; OLIVEIRA, I.B.; DIAS, R.E.; FRANGELLA, R. *Relatório da pesquisa “O Estado da arte do currículo da educação básica (1996-2002)”*. Brasília: INEP/PNUD, 2006.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.